

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA PARA A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS PRODUTORAS DE TEXTO

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a importância do ato da leitura literária para o desenvolvimento da criança. Possui como base a teoria histórico-cultural de Vygotsky. O sentido atribuído pela criança ao texto depende da sua experiência histórica, social e cultural. O ato de ler livros de literatura transforma as crianças em pessoas autônomas, capazes de fazer reflexões e elaborar diálogos complexos, porém, para que a criança leia e escreva por vontade própria, deve sentir a necessidade. A escola tem a importante missão de fazer com que a criança sinta a necessidade da leitura e da escrita. A leitura gera a aprendizagem e, portanto, contribui para o desenvolvimento do indivíduo, proporcionando o aprimoramento do que Vygotsky denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Atua na complexificação e nas funções intrapsíquicas. Trata-se de atividades importantes para o desenvolvimento da mente, pois o cérebro não é um sistema de funções que não se alteram; ao contrário, constitui um sistema que apresenta grande plasticidade, que vai sendo moldado ao longo da história do indivíduo, pela forma como o sujeito lê o mundo e se desenvolve.

palavras-chave: Leitura literária; Autonomia; Zona de Desenvolvimento Proximal.

Introdução

O conceito de leitura foi sendo aperfeiçoado nas últimas décadas. Nos dias atuais, sabe-se que a leitura não se constitui o processo de decodificação do texto, nem somente a compreensão e interpretação do signo linguístico. A leitura possui uma dimensão mais ampla do que apenas atribuir um significado às palavras e frases. Neves (2000), Pereira (2012) e Souza (2000) afirmam que o ato de ler transcende a simples decodificação, compreensão e interpretação do signo linguístico,

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

uma vez que ler é um ato de compor significados e sentidos ao texto. Este ato de compor significados irá depender da vivência histórica do sujeito, do seu modo de pensar e olhar o mundo. Neste contexto, a subjetividade da criança contribui para dar sentido ao texto.

O texto é um objeto vivo na subjetividade do indivíduo e possui como mediador a linguagem. O ato da leitura é uma atividade com um interno processo mental que potencializa as habilidades cognitivas simbólicas e emocionais (PEREIRA, 2012).

Segundo Paula (2012), para que um texto seja bem interpretado e compreendido, o leitor deve vencer os limites da objetividade e penetrar na imensidão da subjetividade. Morin (1996) vai além dessa premissa, ao afirmar que a leitura é uma atividade complexa, pois deve existir uma interação do leitor com o texto, envolvendo objetos concretos e elementos socioculturais. A leitura inicia com a percepção das letras e amplia para os processos mentais, na qual os conhecimentos são armazenados na memória. A memória, a linguagem, a inferência e os pensamentos são os responsáveis pela construção do sentido ao texto, tornando a leitura um processo complexo com muitas variáveis.

Sousa e Kirchof (2012) afirmam que o sentido atribuído pelo leitor ao texto irá transformar o leitor e modificar as futuras realidades. Nas palavras de Zilberman (1987), a leitura de um texto confere ao leitor um efeito emancipatório. O fato de ler um texto literário permite ao indivíduo absorver o pensamento do autor ou entrar na alteridade sem perder a subjetividade, pois cada ser humano é singular e possui a sua própria forma de dar sentido ao texto. O conceito de alteridade é fundamentado na teoria de que uma pessoa é um ser social que depende e mantém relação com outras pessoas. A alteridade possui raiz

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

no princípio dialógico de Bakhtin (2006). Segundo ele, ao observar a fala de uma pessoa, percebe-se que existem falas de outras pessoas.

Para Bakhtin (2006), a linguagem está relacionada com a vivência social do sujeito, na qual a sua experiência é parte integrante do sentido do dizer. Este pensamento foi defendido por M. Buber e possui base filosófica na ideia de que o homem não é um ser individual, mas vive uma relação dialógica entre eu-tu. Para existir o “tu”, deve existir o “eu” e para existir o “eu” deve existir o “tu”; uma vez que, o “eu” não existe individualmente senão com abertura para o outro. É importante esclarecer que o outro não se refere apenas à outra pessoa, mas tudo que circunda o eu: o meio social em que vive, o pensamento expresso em um texto, as mensagens transmitidas pela televisão, pelo rádio e tudo que seja capaz de transmitir uma mensagem com sentido e significado (FIGUEREDO, 2005).

A leitura de um livro de literatura

O “outro” influencia no sentido que o “eu” atribui a um texto literário. Para que o sentido tenha uma apreensão da realidade do conteúdo do texto, a criança deve ter vivência e experiência com diversos gêneros textuais e isso requer motivos e necessidades para a concretização dessa atitude.

No capítulo intitulado “A sessão de mediação: um dispositivo engenhoso”, do livro *Da escuta de textos à leitura* (2007), Bajard esclarece que se for desejável sensibilizar a criança aos diferentes tipos de textos, não se pode atribuir a todos indistintamente a mesma

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

relevância, sem correr riscos de apenas render tributos a um modismo. Para o autor (2007,p.42):

Nem todos os gêneros possuem o mesmo interesse para as crianças. A riqueza do texto de ficção não equivale à trivialidade da bula de medicamentos. A ficção tem um papel central na construção da personalidade infantil, papel com o qual outros gêneros não podem concorrer. De fato a criança precisa, desde muito cedo, construir para si um universo imaginário, chave de interpretação do mundo real.

Segundo Candido (1999), a literatura contribui para a humanização dos homens, pois possui a capacidade de proporcionar a humanidade do homem.

O gênero Ficção constitui um recurso para a criança se conhecer melhor, uma vez que o texto literário sintetiza a realidade dos personagens por meio de uma nova realidade recriada. Isso a auxilia na compreensão do mundo real pela abstração de um mundo imaginário e simbólico, servindo para o fechamento de um vazio existencial ocasionado pela falta de experiência. Candido (1999, p.81) afirma que:

(...) necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares (...), a literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal (...).

Ao penetrar em um mundo imaginário, a criatividade é estimulada na criança. O faz de conta não tem limites e a esperança de mundo mais humano se torna presente em seus pensamentos. Para

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

Cândido (1999, p.82) esta é “a arma mais eficaz de transformação do mundo e, portanto, de ameaça a uma ordem social conhecida”, uma vez que, a leitura transforma o ser humano em pensamento e atitude.

Segundo Calvacante, Mendonça e Santos (2007), para suprir as carências das interações verbais nas crianças, o educador deve apresentar uma grande diversidade de textos que possuam manifestações socioculturais. Assim, a criança poderá conhecer, apreciar, recriar e valorizar a cultura escrita no enredo. Com o ato da leitura, a criança se apropria de saberes e constrói conhecimentos relacionados com a realidade em que vive.

Conceber a humanização na infância por meio da literatura é saber que cada um se torna humano também a partir das aprendizagens¹ adquiridas nos diversos textos literários. Isso acontece porque as qualidades típicas do gênero humano estão ‘*encarnadas*’ nos objetos culturais materiais ou não materiais, cujas características impulsionam o desenvolvimento sociocultural das crianças e desnudam a elas a função de tais objetos – fator fundamental na experimentação dos pequenos. Assim, as crianças podem construir na leitura um sentido que esteja relacionado com a sua própria experiência de vida, na qual fornece recursos para valorização do homem como um ser humanizado (MELLO, 2011).

O homem é um ser social e, o homem não nasce humano, mas se torna humano. Entende-se “*tornar-se humano*” a propriedade do indivíduo de desenvolver capacidades e aptidões historicamente formadas da espécie humana. Segundo Leontiev (1978), a escola deve transformar as crianças em pessoas mais humanas por meio da

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

educação, sendo a principal instituição responsável pela formação de leitores em nossa sociedade. Para Vygotsky (2005), o homem só se humaniza aprendendo com os outros e é por meio da educação que o homem socializa o saber historicamente produzido.

Segundo Mello (2011), a criança ao conhecer um objeto, que pode ser um livro de literatura, atribui um sentido e significado ao objeto. O sentido atribuído ao livro depende das experiências vividas e proporciona uma atitude com o objeto. A atitude depende de como a criança representa o livro, como o livro a afeta e de quanto afeta.

Se uma criança considera um livro de literatura algo "chato", este significado atribuído pela criança pode estar relacionado com a forma em que as pessoas do entorno colocaram durante a infância. O livro pode ser representado por uma criança como algo "chato", enquanto outra criança pode representar de forma diferente. Isso porque a representação depende do meio, das experiências vividas e da forma como a criança ver o mundo ao seu redor. Cada criança possui a sua própria forma de observar o mundo. Para alterar um significado negativo atribuído pela criança a um livro de literatura, faz-se necessário educar sua atitude com relação ao livro, para que se altere a consciência; uma vez que o sentido está conectado com a consciência do sujeito que depende da história e experiência de vida. Portanto, o sentido que a criança atribui ao livro não se ensina, se educa (LEONTIEV, 1978). Ao alterar a representação que a criança possui sobre um livro, altera também a necessidade que a criança possui sobre a leitura de um livro de literatura.

Conhecer a representação de um livro de literatura pela criança é essencial para que se possa realizar um planejamento para educá-la de

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

forma eficiente e eficaz na cultura escrita. Para Leontiev (1978), educar na criança sua atitude é essencial para modificar a consciência leitora.

Como a vida é um processo dinâmico e as experiências vividas pelo ser humano vão se modificando ao longo do tempo, o significado atribuído a um objeto também vai se alterando, sendo, portanto, também dinâmico (MELLO, 2011). No entanto, se o significado for positivo ainda na infância, aproveitará um tempo maior com atitudes corretas durante a vida.

A importância da necessidade da leitura literária

Uma criança, ao nascer, não sente a necessidade de ler/escrever, pois não nasce com uma representação já pronta sobre um livro de literatura. Criar situações em que a criança possa atribuir um sentido positivo sobre um livro gerará na criança necessidades da leitura literária. Portanto, ler em sala de aula proporciona experiências com a leitura, motivando-a para uma atitude leitora. Jolisbert, no livro *“Formando crianças leitoras”* (1994), tem a convicção de que não se ensina uma criança a ler, mas é ela quem se ensina a ler. Dessa forma, a criança deve ler em silêncio em um ambiente que permita a concentração da atividade para proporcionar o surgimento da necessidade da leitura literária.

O professor, ao utilizar uma atividade pedagógica em sala de aula, proporciona um ambiente de crescimento, no qual a criança irá se apropriar do conhecimento científico historicamente construído e haverá ganho de aprendizagem e desenvolvimento. Para Beatón (2005), uma atividade pedagógica que promove a construção do conhecimento é

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

um processo ativo, no qual existe uma interação entre a criança e o professor.

Ao criar um ambiente que promova a leitura em sala de aula, o professor estará assumindo a função de mediador entre a criança e o livro de literatura.

O ambiente de sala de aula e as ações do professor devem ser bem planejadas para promover na criança o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, sendo capaz de formar as máximas capacidades do aluno. O professor deve conhecer as crianças (como agem, como procedem e como reagem) para que as atividades sejam eficazes e eficientes no desenvolvimento psicológico delas.

Como o ser humano é bastante complexo, e cada criança possui a sua própria característica que depende de muitas variáveis, para que o professor exerça a função de mediador auxiliando a criança para a sua autonomia, deve perceber em qual nível de cognição a criança se encontra.

Quando o professor consegue exercer a função de mediador, os signos também serão instrumentos mediadores dos processos mentais. Segundo Vygotsky (2007), os signos atuam como instrumentos psicológicos e possuem um significado social, histórico e cultural capaz de tornarem-se instrumentos cognitivos. Em um texto, os signos funcionam como instrumento tecnológico e proporcionas ao sujeito uma internalização dos conceitos e objeto do conhecimento.

Cardoso (2002) afirma que as relações sociais entre os seres humanos são capazes de proporcionar o desenvolvimento humano, no entanto este desenvolvimento só será concretizado com o auxílio de instrumentos técnico e psicológicos.

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

O conhecimento adquirido filogenicamente (história do homem), quando internalizados, proporciona o desenvolvimento ontogênico (característico de cada indivíduo) nos membros de uma sociedade.

Para Vygotsky (2005), o significado e sentido atribuído pelo indivíduo às ações permitem a mediação entre o indivíduo e o “outro”, o que torna necessária a utilização da linguagem para representar por símbolos a realidade. A linguagem é concretizada na palavra oral e escrita, permitindo a comunicação entre os indivíduos e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Segundo Leontiev (1978), quando o homem se apropria da linguagem, está se apropriando de um instrumento histórico com significados atribuídos pela cultura humana; portanto a linguagem é um instrumento mediador em que o homem elaborou durante a sua história, experiência e convívio social.

A linguagem como mediação no desenvolvimento da criança

A linguagem proporcionada na interação entre os indivíduos de uma sociedade está relacionada ao discurso imbuído de significados culturais e sociais. Como instrumento de mediação, a linguagem promove, além da interação social, uma ordenação do mundo concreto para um mundo ideal. A comunicação oral e escrita é produzida por um processo coletivo que modifica a si mesmo e o “outro” em um processo histórico, social e cultural.

Em nossa sociedade, quando o indivíduo nasce, a linguagem já começa a fazer parte do dia a dia dele e interfere no processo de desenvolvimento mental. Quando a criança convive com pessoas mais

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

experientes, adquire conhecimentos e os internaliza, assim as funções psíquicas superiores são desenvolvidas.

O signo verbal é um elemento fundamental nos processos psíquicos que permitem a orientação e o controle das operações psicológicas. Os símbolos que representam uma palavra, segundo Bakhtin (2006), são originados e desenvolvidos no processo da interação entre os indivíduos e carregam significados e sentidos históricos e sociais da cultura. A palavra criada é absorvida pelo interior do ser humano e se torna uma fala interior (BAKHTIN, 2006).

Vygotsky (2005) alerta para a importância do signo na compreensão da realidade, com a apropriação de conceitos que contribuem para o desenvolvimento do pensamento. O conceito não existe sem a linguagem em símbolos, pois não existe um pensamento sem o uso da linguagem.

Leontiev (1978) afirma que os signos são importantes elementos mediadores na apropriação da cultura humana pelas pessoas. Na relação social em que existe o diálogo entre os indivíduos, o caráter histórico e cultural é transmitido de geração para as gerações seguintes.

O sentido e significado de um texto literário são marcados pela experiência e história do indivíduo. Todo o conhecimento adquirido nos livros de literatura é absorvido pelo indivíduo que utiliza a palavra escrita como uma reflexão e interação na vida social.

O contexto discursivo adquirido no meio social influencia a criança tanto na criação de um texto discursivo como na atribuição de sentido e significado de um texto. No entanto, para o ato da leitura e composição de um texto por vontade própria, é preciso que a criança sinta a necessidade (LEONTIEV, 1978). Logo, para que a criança possa

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

sentir a necessidade da leitura, o professor deve propor atividades em sala de aula que desperte a vontade de ler.

A criação de um ambiente planejado para a leitura com diferentes livros para a criança escolher, torna o entorno da sala aula apto para o surgimento da necessidade na criança. A leitura de livros de literatura proporcionará um contato direto com uma variedade de gêneros textuais e enunciados. Dessa forma, a criança utilizará este aprendizado em convívio com a sociedade durante a comunicação oral e verbal (BAKHTIN, 2006).

Para Vygotsky (2007) o desenvolvimento do psiquismo humano processa-se por meio do entorno social, histórico e cultural. O ser humano não vive só, mas cercado de pessoas que o influenciam na forma de ser, pensar e agir. Também, cada indivíduo vive a sua própria história e essa experiência de vida contribui para a formação da personalidade dele.

Por fim, cada ser humano vive em uma cultura característica de seu povo, que proporciona o domínio dos instrumentos culturais (língua, conceito, pensamento, etc.) influenciando no seu pensamento e suas atitudes. Portanto, o desenvolvimento psicológico humano se processa mediante a comunicação do indivíduo com as pessoas ao seu redor, pela cultura e pela experiência de vida. Como a formação da criança se processa pela vivência ocasionada pelo seu entorno social, a vida escolar deve contribuir significativamente para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (pensamento verbal e abstrato, imaginação criadora, atenção voluntária, entre outros).

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

Vygotsky (2005) procurou compreender como se processava as funções psicológicas superiores. Para isso, procurou estabelecer as diferenças entre as funções psicológicas elementares (próprias dos animais) das funções psicológicas superiores (funções próprias dos seres humanos). Baseado nas obras de Mark/Engels sobre o materialismo histórico dialético, afirmou que, para analisar as funções psicológicas superiores de comportamento (lembrar, inferir, falar, pensar, memorizar, entre outros), devem ser analisadas as relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o meio social em que o sujeito vive.

A raiz do desenvolvimento humano está no meio social, pois a criança terá uma experiência de vida com os adultos e uma aprendizagem proveniente da cultura e apropriação dos signos e símbolos. Dessa forma, para Vygotsky (2007), o desenvolvimento da criança inicia com os processos inferiores, que se referem aos processos de ordem biológica, espontânea e natural. Posteriormente, em convivência com os adultos, a criança pode desenvolver os processos superiores, como a linguagem oral, a leitura, a escrita entre outros.

Vygotsky (2007) considera o ser humano um sujeito ativo, cuja relação entre o homem e o meio sofre alterações de acordo com o pensamento do indivíduo, que é construído e reconstruído. Também estabelece a Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural, em que afirma que as funções psíquicas superiores envolvidas se processam inicialmente na atividade externa (funções intersíquicas) e, posteriormente, se internalizam pela atividade individual (funções intrapsíquicas).

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

Na internalização, a linguagem atua como mediadora e os signos adquirem significado e sentido. A relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos. A relação deixa de ser direta, tendo o signo como um elemento intermediário na relação organismo/meio, o que torna esta relação mais complexa. Para Vygotsky (2005) signo é considerado como um “instrumento psicológico”, uma vez que provoca mudanças psicológicas.

O homem, ao utilizar os signos como mediador, aumenta a capacidade de atenção e de memória, consegue controlar melhor as suas ações físicas, tornando as atividades voluntárias controladas pela sua consciência. Assim, o homem torna-se capaz de operar mentalmente sobre o mundo. Desenvolve a capacidade de realizar planejamentos, comparar objetos e conceitos, lembrar-se de fatos e histórias. Dessa forma, realiza um processo de representação mental.

Como exemplo da Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural, Vygotsky (2005) cita a apropriação da linguagem por uma criança. No entorno social, tem-se os primeiros contatos e meios de aprendizagem. Na vivência, a criança começa a falar para si. Esse fato mostra que a criança está realizando a transposição da forma coletiva de comportamento para a prática do comportamento individual (VYGOTSKY, 2004).

A apreensão da linguagem é um processo individual, mas também social, ocasionado pela vivência social, histórica e cultural, possibilitando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Durante o processo de desenvolvimento da criança, as experiências vividas no seu entorno são internalizadas devido a sua capacidade de representação mental, pois o indivíduo consegue operar

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

mentalmente sobre o mundo. Portanto, momentos de leituras em sala de aula, o que lê, como lê, são práticas culturais que a criança vivencia e que serão operacionalizadas pela criança na representação mental. Tem-se uma internalização de formas culturais de comportamento.

A capacidade de internalização da criança proporciona uma relação com o mundo sem a necessidade da interação concreta. Como exemplo desta interação está o ato da leitura. O leitor terá uma interação com o mundo independente do tempo e do espaço. A leitura de um livro permite a criança realizar inferências, planejar, ampliar o vocabulário, ampliar o conhecimento, lembrar-se de algum fato, comparar determinados eventos, sem a necessidade de uma vivência real. O uso de mediadores como a linguagem possibilita ao indivíduo o armazenamento de informações de forma mais eficiente ocasionando mudanças nas atividades psicológicas (VYGOTSKY, 2007).

A leitura literária no desenvolvimento da zona de desenvolvimento proximal

O processo da leitura literária pela criança irá contribuir para o desenvolvimento do que Vygotsky denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), uma vez que o texto possui um significado e sentido para a criança, sendo ativo no processo psíquico. A criança adquire conhecimentos que podem ser transformados em aprendizagens, proporcionando o desenvolvimento da criança, uma vez que a aprendizagem gera o desenvolvimento.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal foi apresentado por Vygotsky (1896-1934). Na explicitação desse conceito, o autor cita

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

um exemplo no qual afirma que uma criança possui um potencial que não se consegue medir nos testes de desenvolvimento mental. Nos testes, as atividades desenvolvidas individualmente podem não apresentar bons resultados, mas com a ajuda de um adulto ou de uma criança mais experiente que deem aos sujeitos alguma orientação, eles podem apresentar excelentes resultados.

O nível de desenvolvimento no qual uma criança consegue realizar sozinha uma atividade é denominado Zona de Desenvolvimento Real. Trata-se do estágio em que a criança já se desenvolveu e a aprendizagem já está completa (VYGOTSKY, 1978). O nível em que a criança realiza a atividade com ajuda do outro é o que caracteriza a ZDP.

Nos estudos do desenvolvimento mental das crianças, geralmente são observadas as atividades em que as crianças conseguem realizar individualmente, sendo um indicativo de habilidade mental. Os pesquisadores aplicam uma bateria de testes ou uma variedade de tarefas de diferentes graus de dificuldade. De acordo com as respostas (como solucionou e o nível de dificuldade do teste), é apresentado o desenvolvimento mental das crianças.

Se o pesquisador realiza as principais perguntas ou mostra como o problema deve ser resolvido e a criança o resolve; ou se o professor inicia a solução e a criança completa a resposta; ou se, em colaboração com outras crianças, ela consegue solucionar o problema; o nível de desenvolvimento mental desta criança é diferente da criança que, mesmo nestas condições, não consegue apresentar uma solução.

Em “Mind in Society”, Vygotsky (1978) questiona se duas crianças possuem o mesmo nível de desenvolvimento mental quando

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

uma criança com a ajuda de um assistente consegue solucionar uma atividade e a outra não consegue solucionar.

Em resumo, de alguma forma ou de outra, eu proponho para as crianças resolver o problema com a minha ajuda. Nestas circunstâncias, verifica-se que a primeira criança pode lidar com problemas até o nível de uma de doze anos de idade, a segunda até nove anos de idade. Agora, estas crianças possuem o mesmo desenvolvimento mental?² (texto traduzido do original)(VYGOTSKY, 1978, p.86).

A zona de desenvolvimento proximal é definida pelas funções que ainda não amadureceram, que estão em processo de maturação, funções que serão vencidas no futuro próximo e estão no estágio embrionário. Essas funções poderiam ser denominadas de “botões” ou “flores” do desenvolvimento, em vez dos frutos do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1978).

A Zona de Desenvolvimento Proximal fornece aos psicólogos e educadores uma ferramenta por meio da qual o curso interno do desenvolvimento pode ser entendido. Usando esse método, podemos ter em conta não só os ciclos dos processos de maturação, que já foram concluídas, mas também os processos que estão atualmente em estado de formação, que estão apenas começando a amadurecer e se desenvolver. Assim, a Zona de Desenvolvimento Proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e sua dinâmica de estado desenvolvimentista, permitindo conhecer o desenvolvimento da criança

² In short, in some way or another I propose that the children solve the problem with my assistance. Under these circumstances it turns out that the first child can deal with problems up to a twelve-years-old's level, the second up to nine-years-old's. Now are these children mentally the same?(VYGOTSKY, 1978, p.86)

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

não só pelo que já foi alcançado, mas também para o que está em vias de amadurecimento (VYGOTSKY, 1978).

O ato da leitura literária influencia diretamente na Zona de Desenvolvimento Proximal, levando a criança para a Zona de Desenvolvimento Real; uma vez que, além de ampliar o vocabulário, modificar a forma de ler e ver o mundo, a criança, por meio da atitude leitora, desenvolve a atividade criadora e se apropriam das funções psíquicas superiores (VYGOTSKY, 1978). Segundo Clark e Rumbold (2006), a criança que lê aumenta seus conhecimentos gerais, possui uma melhor compreensão das outras pessoas, participa ativamente na comunidade e tem facilidade para tomar decisões importantes. O que estava em estado embrionário de aprendizagem; como a leitura proporciona a aprendizagem, “o fruto amadurece”. É na interferência da Zona de Desenvolvimento Proximal que ocorre uma maior transformação do indivíduo, pois processos que ainda não foram iniciados não poderão realizar o desenvolvimento, mas os processos que já se iniciaram poderão ser completados.

A leitura proporciona ao sujeito autonomia para ser autor da sua aprendizagem e pedagogia (FOUCAMBERT, 2008). Bakhtin (2006), ao expressar sobre a literatura, aborda-a como um instrumento motivador e desafiador, capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Como sujeito que é capaz de obter aprendizagem por meio dos livros, a criança estará apta para compor o seu próprio texto, uma vez que as funções intrapsíquicas foram ativadas pela apropriação da reflexão, crítica e discernimento próprio adquirido pelos sentimentos,

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

sentidos e afeições ao dialogar com o texto literário. Para Góes (2005), a leitura transforma o leitor de um ser passivo para um ser ativo, pois o leitor atribui um sentido próprio ao texto.

Sabendo da importância do domínio dos signos pela criança, a escola tem a importante missão de proporcionar aos estudantes este domínio, além de tornar a leitura uma prática cultural. O professor deve ser o mediador da relação da criança com o mundo da leitura. Assim, a criança sentirá a necessidade da leitura e obterá ganho de aprendizagem para promover o desenvolvimento.

Considerações Finais

O Instituto Pró-livro encomendou ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), em 2012, uma pesquisa para analisar o retrato da leitura no Brasil. O projeto foi coordenado pelo Observatório do Livro e da Leitura (OLL) e mostrou que o *hábito de ler* diminuiu 9,1% no país em quatro anos. Os brasileiros estão preferindo assistir à TV, assistir a filmes em DVD, reunir-se com amigos e familiares e navegar na rede de computadores por diversão (COMUNICAÇÃO SOCIAL/MINC, 2012).

Como resultado, o Instituto Pró-livro lançou o livro “Retratos da Leitura no Brasil 3”, cujo conteúdo debate dados da pesquisa e levanta temas para promover a leitura no país (PRÓ-LIVRO, 2012). Esta pesquisa, como tantas outras realizadas nos meios acadêmicos (CHIAPINNI, 1990; CHARMEUX, 2000; BAJARD, 2006; FOUCAMBERT, 1998; SMITH, 1991), expressa os (des)caminhos da formação do leitor mirim.

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

O artigo apresentado mostra a importância do ato da leitura para a formação de crianças autônomas. Se a escola não contribuir para modificar este atual quadro, não estará cumprindo a sua missão em nossa sociedade.

REFLECTION ON THE IMPORTANCE OF READING LITERATURE FOR CHILDREN EDUCATION AUTONOMOUS

Abstract

This article focuses on the importance of the literary reading to the child's development act. Has based on the historical cultural theory of Vygotsky. The meaning attributed by the child to the text depends on its historical, social and cultural experience. The act of reading literature books encourage children to become self-employed people, capable of thinking and develop complex dialogs. While, for the child to read and write at will, should feel the need. The school has the important task of making the child feel the need to read and write. Reading generates learning and therefore contributes to the development of the individual providing the improvement of what Vygotsky calls the Zone of Proximal Development (ZPD). Works in the complexity and the intrapsychic functions, important action for the development of the mind, because the brain is not a system of functions that do not change; on the contrary, is a system that has great plasticity and it is being shaped over the history of the individual, the way the subject reads the world and develops.

Keywords: Literary Reading. Autonomy. Zone of Proximal Development.

Referências

BAJARD, E. **Da escuta de textos à leitura**, São Paulo, Cortez, 2007.

BAKHTIN, M (2006). **Marxismo e filosofia da linguagem**. (2. ed.). São Paulo: Hucitec (Trabalho original publicado em 1929).

BEATÓN, G. A. **La persona no enfoque histórico cultural**. São Paulo: Linear B, 2005.

CAVALCANTE, M. C. B, MENDONÇA, M. SANTOS, C. F. **Diversidade textual: Os gêneros na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica , 2007

Fabiola Fernandes Andrade
 IFCE
 Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto
 UNESP-Marília/SP

CANDIDO, A. **A Literatura e a Formação do Homem**. Revista do Departamento de Teoria Literária, ISBN 103-183X, Campinas: Unicamp, 1999.

CHIAPPINI, L. (coord. Geral); GERALDI, J. W. (coord). **Aprender e ensinar com textos dos alunos**, São Paulo: Marca d'água, 1995.
 Clark,C, Rumbold, K. **Reading for Pleasure: A research Overview**, National literacy Trust, 2006.

FIGUEIREDO, L. I. B. **Gêneros discursivos/textuais e cidadania: um estudo comparativo entre os PCN e os Parâmetros em ação**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**, Porto Alegre: Artes Médicas,1994.

GÓES, L. P. **Olhar de Descoberta**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
 LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LURIA, A, R; YUDOVICH, F. I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MORAES, J. **A arte de ler**. São Paulo, ed. Da UNESP, 1994.

NEVES, Iara(org.) **Ler e escrever: um compromisso em todas as áreas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

PEREIRA, M. E. M.; SOUSA, L. S. S; KIRCHOF, E. R. **Literatura infanto-juvenil**, editora Intersaberes, Curitiba, PR, 2012.

SOUZA, R. A. **Teoria da literatura**. São Paulo: ática, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes**, Paperback, London, England, 1978.

_____. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.

Fabiola Fernandes Andrade
IFCE
Cynthia Graziella Guizelim Simões Giroto
UNESP-Marília/SP

_____. L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2005.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Recebido em: 14/07/2015

Aprovado em: 01/03/2016